

A Escrita Motif no Sistema LMA/BF

Flavia Pilla do Valle

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil

E-mail: flavia.valle@ufrgs.br

Resumo

Este trabalho procura discutir o que é e qual a utilidade da notação ou escrita Motif, assim como fundamentar seu emprego e realização. Baseia-se na sistematização da experiência pessoal da autora apoiada em revisão de literatura. O texto aborda conceitos, funções e traz uma exemplificação dessa notação. A escrita do movimento em Motif traz maior consciência do fazer de dança e é uma ferramenta valiosa para trabalhos que se propõem a analisar estéticas de dança e assinaturas pessoais de movimento corporal de artistas.

Palavras-chave

Motif. Labanotação. Registro. Notação. Dança.

Abstract

This work seeks to discuss what is and what is the use of Motif notation or writing, as well as to justify its use and realization. It is based on the systematization of the author's personal experience supported by literature review. The text addresses concepts, functions and provides an example of this notation. The writing of the movement in Motif brings greater awareness to the dance making and it is a valuable tool for works that aim to analyze dance aesthetics and personal signatures of artists' body movement.

Keywords

Motif. Labanotation. Record. Notation. Dance.

Rudolf Laban (1879-1958) é um nome celebrado nas artes da cena em âmbito mundial. Alguns o conhecem por ser o inventor de um sistema de notação chamado Labanotação ou Kinetografia e outros talvez o conheçam por meio de seus estudos que, para este texto, agrupamos sob o termo *Laban Movement Studies/Bartenieff Fundamentals* ou a sigla LMA/BF. É importante ressaltar que Laban contou com inúmeros colaboradores durante sua vida e estes, após sua morte, continuaram a desenvolver tais estudos. Um desses colaboradores é a alemã Irmgard Bartenieff, cujo trabalho foi propulsor dos estudos de Laban nos Estados Unidos. A escrita do Motif é outra faceta do LMA/BF, todavia, menos conhecida.

Este trabalho procura esclarecer o que é a escrita do Motif, sua utilidade e dar fundamentos para sua aplicação. Com isso, procura-se esclarecer questões básicas sobre a notação ou escrita do Motif: o que é? Para que serve? Como fazer? Para isso, se fez uma revisão de literatura no Portal de Periódicos da Capes com os descritores *Motif Writing* e *dance*¹, além de material bibliográfico disponível. A seguir, houve uma atenção especial para sistematizar a experiência prática da autora, que é certificada em LMA/BF e dissemina esse conhecimento nas graduações e pós-graduações de dança desde os anos 2000.

O quê?

A Labanotação é uma escrita de movimentos ou coreografias por meio de sinais, tal qual uma pauta musical é um registro musical. Ela é conhecida na Europa sob o termo Kinetografia e se propõe a ser um método para anotar movimento humano meticulosamente, da impressão geral à sutileza da mudança de momento a momento, e que tem se

¹ Ao digitar os descritores Motif, Laban e dança, nenhum material foi encontrado, o que aponta a deficiência dessa matéria na língua portuguesa. Ao substituir dança por *dance*, foram encontrados 108 registros. Ao ler os resumos, observou-se que Motif estava levando a outros campos de conhecimento. Por fim, utilizou-se *Motif Writing* e *dance*. Chegou-se a oito resultados, mas a análise limitou-se apenas ao conteúdo de acesso gratuito.

especializado em descrever o movimento quantitativamente e qualitativamente, dissecando-o em elementos que constituem o alfabeto corporal (TRINDADE; VALLE, 2007). Sua efetividade em relação aos outros sistemas recai por não se propor a atrelar os sinais aos códigos de danças específicas, e, sim, a qualquer tipo de movimento corporal (SASTRE, 2017). Na época de Laban, muitas danças se perdiam com o tempo. Laban aspirava que fosse possível registrar e ler uma dança em seus detalhes.

Apesar dos avanços tecnológicos de ferramentas de vídeos, a Labanotação é um recurso de registro que traz detalhes importantes do movimento que se perdem, muitas vezes, nos registros da imagem, por serem bidimensionais, por falta de nitidez, ou mesmo devido aos recortes de enquadramento. Sastre e Vicari (2007) ressaltam também que, diferente do vídeo, a escrita labaniana desperta um processo de cognição mediada pelos símbolos que difere do processo de cópia para aprender os movimentos.

Contudo, a notação coreográfica pode ser utilizada com outros objetivos, como o auxílio ao coreógrafo profissional na criação coreográfica, na transmissão da obra ao corpo de baile e na reposição de coreografias de outros profissionais. Embora as gravações de vídeo e DVD também auxiliem os dois últimos objetivos, a notação coreográfica deveria apresentar a pura intenção do coreógrafo criador, sem as intervenções interpretativas dos bailarinos executantes. (TRINDADE; VALLE, 2007, p. 203).

A notadora Patty Harington Delaney corrobora com a citação anterior ao destacar a importância do registro da intenção do coreógrafo. Menciona ainda, a título de exemplo, que, na prática coreográfica de José Limón, os bailarinos aprendiam sobre a personagem através do detalhe do movimento. Limón não dizia o que eles eram ou como deviam ser. Nessa forma de coreografar, saber os detalhes do movimento é imprescindível para chegar à personagem. Essa notadora trabalhou com a colaboradora de Limón, Sarah Stackhouse, na reconstrução e registro da obra *La Malinche*, e diz:

[...] você não pode capturar o tipo de detalhe de personagem de que Sarah Stackhouse falou em seus ensaios para *La Malinche* na fita de vídeo. Há muitos detalhes lá, e também um registro de Labanotação nos permite ter a oportunidade de ver uma dança como se estivesse lendo um livro. Alguém pode pegar uma notação de *La Malinche* e abri-la e, em dez dias, pode lê-la, experimentá-la: um tempo de cada vez, uma medida de cada vez, uma frase de cada vez... e saberá tudo sobre isso, conhecerá a estrutura, como ela se relaciona com a música e saberá como os dançarinos se tocam, ou se estão próximos um do outro, todos os detalhes sobre o que é a dança. E isso é tão importante sobre o registro de Labanotação, particularmente em termos de uma obra-prima. (LA MALINCHE, 2004, 2'45", transcrição e tradução nossa)².

A Labanotação, portanto, é mais um recurso de registro, junto com imagens de vídeo, fotos, figurinos, memória de envolvidos, programas, notações pessoais, etc. Não é, todavia, objetivo deste texto se deter na Labanotação³.

Tal como exposto anteriormente, Irmgard Bartenieff (1900-1981) foi aluna de Laban e a pessoa responsável pela disseminação dos conhecimentos do sistema nos Estados Unidos.

Bartenieff trabalhou, num primeiro momento, no *Dance Notation Bureau* e posteriormente fundou, em 1978, a escola *Laban Institute of Movement Studies* (LIMS) em Nova Iorque que, após sua morte, tem seu nome

2 No original: [...] you can't capture the kind of detail of character that Sarah Stackhouse talked about in her rehearsals for *La Malinche* in the videotape. There's just too much details there, and also a Labanotation score allow us the opportunity to look at a dance like you read a book. Someone can pick up a score of *La Malinche* and open it and over ten days they can read it, they can experience it: one beat at a time, one measure at a time, one phrase at a time... and will know everything about it will know the structure, how it relates to the music and they will know how the dancers will touch each other, or if they are near to each other, every detail of what the dance is about is there. And that what is so important about Labanotation score, particularly in terms of a masterwork.

3 Há uma formação específica para ser labanotador no *Dance Notation Bureau* em Nova Iorque.

modificado para *Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies*. Essa alteração do nome reconhece a inúmera contribuição de Bartenieff ao sistema de Laban que passa a ser conhecido também por LMA/BF em referência aos Fundamentos de Bartenieff (BF na sigla em inglês). (VALLE, 2019, n.p).

Parte da formação em LMA/BF no LIMS envolve familiarizar-se com os sinais da escrita de Laban – os mesmos da Labanotação – mas para fazer o Motif, que é uma escrita simplificada do movimento. Sobre a descrição do Motif podemos dizer que “[...]é breve, direta” (GUEST, 1995, p. XVI, tradução nossa)⁴, e se propõe a captar o que é mais importante no movimento. Naranjo (2016) coloca que a escrita de Motif foi desenvolvida pela colaboradora inglesa desses estudos, Valery Preston Dunlop, numa série de livros *Readers in Kinesography Laban* que datam de 1967. Ela diz que

[...] nesse tipo de Labanotação simplificada, a partitura escrita é mais como um esboço geral. A dança é descrita em traços genéricos, mas completa o suficiente para lembrar suas características básicas (como estrutura rítmica, caminhos no espaço, curvas, saltos ou gestos principais). (NARANJO, 2016, p. 3, tradução nossa)⁵.

Sastre já relembra a contribuição americana no desenvolvimento dessa escrita simplificada e diz que “[...] para dinamizar o processo de ‘escrita’ de tal notação, Valerie Preston Dunlop e Ann Hutchinson-Guest, cada uma em seu país e meio de trabalho, propuseram uma forma de utilizar a notação que fosse mais sintética, ágil [...]” (SASTRE; VICARI, 2007, p. 41-42). A autora ainda diz que “[...] somente os aspectos mais significativos do movimento como um todo são registrados, deixando várias informações complementares àquele movimento fora

4 No original: [the Motif description] is brief, direct.

5 No original: In this kind of simplified Labanotation, the score written is more like a general outline. Dance is described in broad strokes, but complete enough to remember its basic features (like rhythmic structure, paths in space, turns, jumps or main gestures).

do registro, portanto, possíveis de serem recriados” (*Ibidem*, p. 42). O surgimento do Motif se dá para fins de dança educação e a partir do entendimento de que é uma iniciação aos símbolos que levarão à Labanotação (SASTRE; VICARI, 2007; SASTRE, 2008). Motif, portanto, é uma escrita do movimento por meio de sinais que é direta, breve e simples, que dá uma noção geral sobre o movimento corporal descrito. Para isso, o movimento é traduzido em uma espécie de alfabeto que contém sinais como flexão, extensão, giro, transferência de peso, direções, deslocamento, entre outros. Há também sinais para as partes do corpo (pé, perna, cabeça, etc.) e para a parte qualitativa do movimento (leve, forte, direto, súbito, etc.). Os sinais são, portanto, símbolos.

A representação específica para cada símbolo pode surgir como resultado de um processo natural ou pode ser convencionado de modo que o receptor (uma pessoa ou um grupo específico de pessoas) consiga fazer a interpretação do seu significado implícito e atribuir-lhe determinada conotação. Pode também estar mais ou menos relacionada com o objeto ou ideia que representa, podendo não só ter uma representação gráfica ou tridimensional como também sonora ou mesmo gestual. (TRINDADE; VALLE, 2007, p. 207).

Os sinais do Sistema LMA/BF podem ser usados em qualquer tipo de dança, pois trata-se de um vocabulário geral para qualquer tipo de movimento humano. Nesse sentido, esse sistema procura mapear todos os movimentos possíveis do corpo e clarifica essa terminologia. Todos esses termos, por sua vez, possuem um sinal correspondente. Há espaço inclusive para a criação de algum sinal, como um objeto de cena, que mediante legenda pode ser inserido na escrita labaniana.

Para quê?

A Labanotação ou Kinetografia foi desenvolvida por Laban em paralelo ao seu sistema de análise. Almeida (2017) argumenta que o estudo dessa escrita

foi primordial para que Laban criasse o alfabeto do movimento. Ele apresenta a tese de “[...] que as grafias criam outra esfera de pensamento e novas possibilidades de criação” (ALMEIDA, 2017, p. 93), demonstrando com exemplos da música, matemática, filosofia.

[...] é possível vislumbrar que Laban queria criar um novo caminho de reflexão, uma outra lógica de criação coreográfica e uma nova forma de análise de movimentos. Aqui faz-se a assertiva: a análise de movimento e os conceitos de Laban só foram estruturados a partir de lógicas provenientes da construção da *Labanotation*. Isso ocorre porque a *Labanotation* foi a condição de possibilidade para se criar uma outra ordem de pensamento sobre o movimento. (ALMEIDA, 2017, p. 95).

Nesse sentido, familiarizar-se com esses modos variados de escrita do movimento traz outras formas de pensar as possibilidades técnicas e estéticas da dança.

Na experiência docente da autora, ao ensinar o Motif, muito alunos indagam a serventia desse conhecimento. Pois bem, defende-se que conhecer essa lógica de escrita nos obriga a ter um grau de entendimento do movimento que confere certa proficiência. Isso se torna relativamente importante em trabalhos que se propõem a analisar estéticas e assinaturas pessoais de movimento de coreógrafos e artistas.

Nenhum estudo de movimento alcançou seu objetivo final até que cada movimento em particular seja compreendido intelectualmente e experimentado cineticamente. O espírito do movimento, o conteúdo (intenção) e o ato físico devem ser misturados em um todo unificado. (GUEST, 1995, p. XV, tradução nossa)⁶.

A mesma autora ainda relata que “[...] analisar as partes componentes do movimento ajuda os alunos a observar e entender. O olho deve ser treinado para ver, a *mente* para compreender”

⁶ No original: *No movement study has achieved its ultimate goal until each particular Movement is understood intellectually and experienced kinetically. The spirit of the movement, the content (intent) and the physical act must be blended into a unified whole.*

(GUEST, 1995, p. XVI, tradução e ênfase nossa)⁷. O Motif treina a percepção meticulosa do movimento, tão importante ao bailarino, coreógrafo, ensaiador ou qualquer outro profissional da dança. Ela complementa ainda que “[...] se os detalhes de um movimento não são observados, eles não podem ser entendidos e, portanto, não podem ser dominados” (GUEST, 1995, p. XVI, tradução nossa)⁸.

Além de o Motif proporcionar consciência sobre o movimento, Naranjo (2016) defende duas outras utilidades para essa escrita: eficiência no ensaio e reconhecimento social. No caso do ensaio, a autora aborda a utilidade da escrita tanto na criação – mesmo para bailarinos menos experientes – quanto para estudo individual de cada bailarino. Como reconhecimento social, cita que a notação traz respeito para os menos entendidos de dança e que compõem a atual sociedade letrada.

Importante colocar que o Motif é subjetivo. Um movimento pode ter diversas escritas de Motif, ou, de maneira inversa, um Motif pode gerar diferentes formas de mover. Entretanto, o exercício de Motif deve captar o que **mais salta aos olhos** e, portanto, ao decodificar ou escrever um Motif, similaridades serão observadas mesmo em diversas interpretações por sujeitos diferentes. Baseado nessa assertiva, uma forma inventiva tem sido desenvolvida pela artista gaúcha Cibele Sastre⁹, que utiliza o Motif como propulsor de sequências coreográficas. Com seu grupo de dança, ela trabalha os sinais por meio de tarefas nas quais seus bailarinos se apropriam e os trans-

formam em movimentos. A partir de cada corpo em movimento, os sinais são compartilhados no grupo e os mesmos Motifs acabam por ter diferentes versões criativas. No trabalho com o Grupo de Risco ela diz:

No processo de criação de trabalho do grupo, um método: escrever motif a partir de um movimento dado, de um poema, de algum estímulo compartilhado. O motif, uma vez escrito, não dá mais conta de ser reproduzido a partir da semelhança: ele é uma tarefa que cada dançarino vai mover a partir de seu corpo, da sua experiência, do seu ser criativo, e, sobretudo do seu momento de criação. Esse momento pode fazer brotar uma sequência incrivelmente diferente de outra, desenvolvida sobre o mesmo motif, inclusive pela mesma pessoa, mantendo aspectos similares. Jogar com essas similitudes tornou-se o processo de criação do grupo de risco. (SASTRE, 2008, p. 88).

— Passo a passo para a construção do Motif: um exemplo

A escrita, seja Labanotação ou Motif, exige o desenvolvimento de uma sensibilidade entre a observação e o traço. Há que “[...] sintonizar, de afinar a ideia de observação com a ideia de registro” (SASTRE, 2017, p. 109). São bem-vindos, portanto, exercícios de observação e escrita criativa, livre, abstrata, por meio de traços, desenhos, esboços ou rabiscos que trabalhem a relação do olhar e anotar. É a partir dessa sensibilização que se dirige para um aprendizado mais técnico.

A Notação do Motif, tal qual a Labanotação, é uma notação que inicia na parte inferior do papel e prossegue de baixo para cima em forma de coluna¹⁰. Ao chegar no topo da folha deve ser feita uma nova coluna em direção à margem direita do papel. Sinaliza-se o início da sequência com uma barra dupla, assim como o seu final. Durante a sequência é opcional separar os movimentos por uma barra simples.

⁷ No original: *Analyzing the component parts of movement helps students to observe and to understand. The eye must be trained to see, the mind to comprehend.* A ênfase em itálico na palavra mente é para ressaltar que não trabalhamos com uma concepção dualista, corpo e mente, e sim que mente deve ser entendida como um processo cognitivo, que é também corporal.

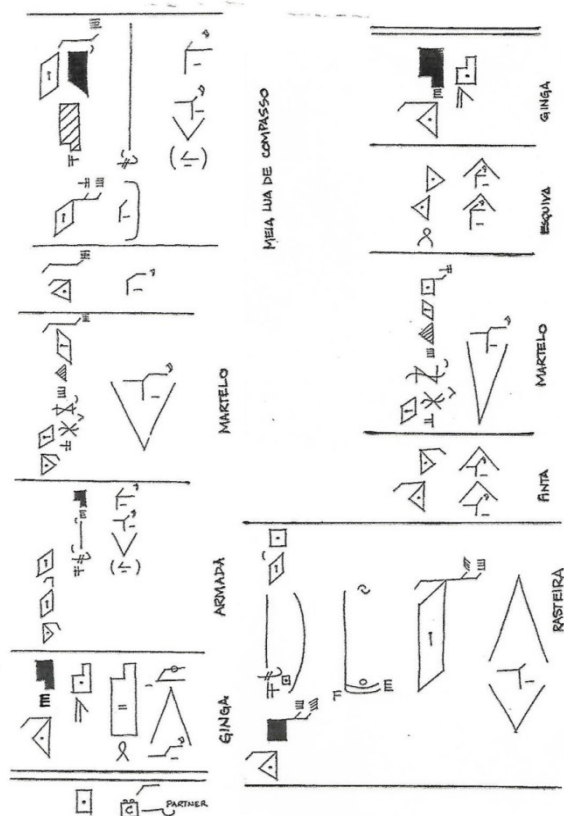
⁸ No original: *If details in a movement are not observed they cannot be understood and hence cannot be mastered.*

⁹ Cibele Sastre é natural de Porto Alegre/RS e atualmente é professora da graduação em Dança da UFRGS. Em 2003, quando atuava na UERGS, fundou o Grupo de Risco onde foi coreógrafa, diretora e bailarina.

¹⁰ Há uma escrita de Motif horizontal que não será tratada aqui. Ela está ligada à escrita dos sinais da categoria Esforço do Sistema LMA/BF que descreve a parte qualitativa do movimento.

Caso haja algum sinal antes da barra dupla inicial isso significa que há alguma informação sobre a posição inicial. Observe o exemplo a seguir (figura 1).

Figura 1 – Exemplo de Notação de Motif de movimentos da capoeira.



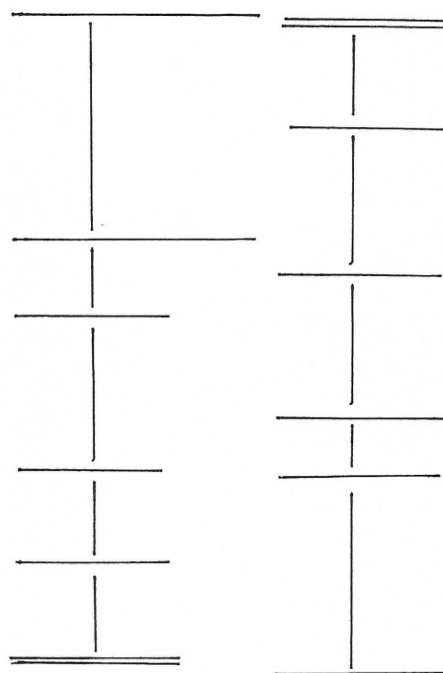
Fonte: VALLE (2008).

Por meio desse entendimento básico da escrita, o próximo passo é decidir como ver a sequência em partes, ou seja, quantos movimentos entende-se que a sequência possui. Essa decisão é sempre revista, pois ao fazer essa escrita vemos a complexidade dessa decisão. Primeiro, porque o corpo humano tem uma multiplicidade de movimentos que envolvem diferentes partes do corpo atuando, na maior parte das vezes, com diferentes movimentos, juntos ou sobrepostos. Segundo, porque os movimentos – principalmente na dança – tendem a fluir de um para outro, o que gera continuidade e certa dificuldade nessa separação. É preciso chamar a atenção também para o fato de que alguns gêneros de dança têm uma codificação específica em

passos que pode facilitar essa separação, caso da modalidade capoeira no exemplo exposto, que inclusive trouxe os nomes dos movimentos como uma complementação do entendimento do Motif (mas esses nomes não fazem parte de uma notação Motif).

Ao se ter certa noção dos movimentos que compõem a sequência, chega a hora de determinar a duração desse movimento, por base na duração métrica do tempo. Alguns bailarinos gostam de se basear na contagem regular dos tempos ou compassos musicais para determinar essa duração. Outros utilizam uma folha quadriculada para fazer as notações. Uma vez tendo esse entendimento básico, que será sempre revisto, faz-se um traço vertical no papel, sendo cada traço vertical a representação da duração de cada movimento (figura 2).

Figura 2 – Exemplo de traçado inicial sobre a duração de movimento a partir da figura 1.

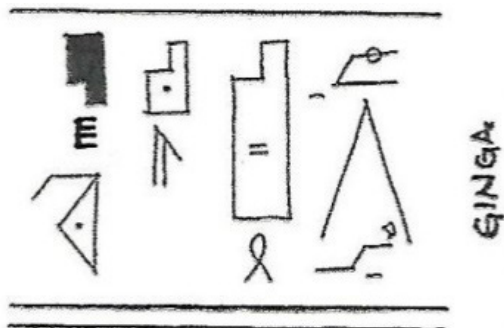


Fonte: VALLE (2008).

Ao estabelecer os movimentos e sua duração, partimos para a substituição desse traço vertical inicial por sinais dessa notação. Esses sinais podem variar, a depender da quantidade de informações que queremos disponibilizar ao leitor. Quanto mais sinais, mais

informação. Vejamos o primeiro movimento da sequência, a ginga, decodificando seus sinais (figura 3):

Figura 3 – Recorte do exemplo de Notação de Motif da figura 1.



Fonte: VALLE (2008).

Esse movimento possui quatro colunas paralelas. Poderia ter tão somente a primeira coluna, mas há maior detalhamento com a segunda e a terceira. A quarta coluna traz sinais da categoria Esforço¹¹ do sistema LMA/BF, que dizem respeito à parte qualitativa do movimento. Ao descrever o Esforço, sempre o posicionamos na coluna mais próxima à margem direita da folha.

A primeira coluna nos informa que há um movimento para a esquerda no nível médio, que segue – e nesse exemplo os dois sinais se agregaram – para uma transferência de peso (↖). Esse movimento é seguido pelo pé direito (☷), na direção atrás no nível baixo (⬇). Na segunda coluna, que inicia temporalmente depois em relação ao movimento da primeira coluna, há a seguinte

11 No Sistema LMA/BF há quatro categorias interligadas para apreender o vocabulário do movimento humano: Corpo (o que se move), Esforço (como se move), Espaço (onde se move) e Forma (com quem se move ou o envolvimento em geral). As quatro categorias são, por convenção, descritas com letra maiúscula. No caso da categoria Esforço, diversas são as traduções para o português, como Expressividade, Dinâmica, Qualidade e, mais recentemente, Pulsão ou Ímpeto. Estes últimos propostos pela artista e pesquisadora Ciane Fernandes (2016). Neste texto optou-se pelo termo Esforço, por ter sido uma das primeiras traduções.

informação: braço direito (↗) vai à frente no nível médio (☷). Na terceira coluna sinaliza-se que a parte superior do corpo (⊗) vai para frente (↗).

A quarta coluna (figura 4) sinaliza a questão qualitativa, isto é, que o movimento é foco direto, fluxo livre e tempo acelerado, decrescendo ou perdendo essas qualidades para finalizar ainda em foco direto, mas agora fluxo controlado e tempo desacelerado.

Figura 4 – Recorte da quarta coluna do movimento da ginga, referente à notação de Esforço.



Fonte: VALLE (2008).

Existem múltiplos sinais para os diferentes movimentos e cabe ao notador ter, num primeiro momento, o material de consulta até familiarizar-se com os mais elementares. Não há ainda material específico de escrita em Motif em língua portuguesa que possa servir como uma espécie de glossário, mas há alguns materiais que fornecem os sinais mais usados. A ideia deste texto é dar fundamentos para que essa escrita possa ser propagada e utilizada como ferramenta potente para trabalhos de registro do movimento e, conseqüentemente, seja objeto de análises cada vez mais atentas e meticolosas.

Para finalizar

Este texto surge para suprir uma carência, identificada na literatura da língua portuguesa, sobre a escrita do Motif. Por utilizar os mesmos sinais ou símbolos da Labanotação, esclarece as diferenças entre essas duas escritas. A

Labanotação, portanto, é mais complexa e completa, enquanto o Motif é mais simples e direto.

Com a popularização dos meios digitais, como a filmagem, há muitos questionamentos em relação à necessidade do uso de tais notações. Este trabalho destaca possíveis vantagens no uso dessas escritas. Uma dessas vantagens seria a ampliação dos modos de pensar o movimento, que, por meio de símbolos relacionados, engendra uma outra lógica de raciocínio sobre o movimento tal qual citado anteriormente por Almeida (2017). Outra vantagem destacada é a compreensão profunda do movimento adquirida através da observação atenta que traz domínio do movimento em si.

Um exemplo foi dado para possibilitar uma fundamentação inicial aos interessados sobre como realizar uma escrita de Motif. Não era objetivo deste texto, todavia, apresentar um glossário do alfabeto do movimento, apenas caminhos para essa produção.

A escrita do movimento em Motif traz maior consciência do fazer de dança. Ao observar e analisar um movimento para descrevê-lo no papel, nos damos conta da complexidade do movimento humano, que realiza movimentos variados com as diferentes partes do corpo de forma simultânea e sobreposta, com qualidades que se alteram a todo o momento. Uma mesma sequência tende, inclusive, se não ensaiada e dominada, a ter pequenas variações no modo de fazer. A escrita do movimento treina essa observação minuciosa e suscita maior compreensão e domínio. Com o crescimento das pós-graduações em dança no Brasil, observa-se que muitos trabalhos se propõem a analisar estéticas de dança e assinaturas pessoais de movimento de artistas. A escrita do Motif pode ser uma ferramenta valiosa para expandir a reflexão em torno de tais assuntos.

Referências

ALMEIDA, Marcus Vinícius Machado de. Reflexões sobre a labanotation. *Revista Cena*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 22, p. 87-100, jul./out. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/72628/42493>. Acesso em: 21 mar. 2020.

FERNANDES, Ciane. Sobre corpos vivos: pulsões de uma autenticidade em movimento. *Revista Encontro Teatro*, Goiânia, n. 03, p. 43-63, jul. 2016.

GUEST, Ann Hutchinson. *Your Move: a new approach to the study of Movement and dance*. London: Gordon and Breach Publishers, 1995.

LA MALINCHE. Concebido, escrito e dirigido por Patty Harington Delaney. Texas: Circle R Media LLC, 2004. DVD (17 min.).

NARANJO, Maria Del Pilar. Utility of symplified Labanotation. *Accelerando: Belgrade Journal of Music and Dance*, Belgrade, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://doaj.org/article/9b4ca4e29c3447539283ab6855a635ee>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SASTRE, Cibele. (Quase a) mesma coisa: 1 Motif+ várias sequências. *Caderno do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade*, Salvador, n. 19, p. 103-114, abr. 2008. Disponível em: http://www.teatro.ufba.br/gipe/arquivos_pdf/cadernosgipe/Gipe-cit%2019.pdf. Acesso em: 18 mar. 2020.

_____. Escritas de si na observação do outro: procedimentos com LMA/BF na condução e leitura da dança em experimentos pedagógicos com improvisação. *Revista Cena*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 22, p. 101-115, jul./out. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/viewFile/72669/42515>. Acesso em: 19 maio 2020.

SASTRE, Cibele; VICARI, Juliana. A utilização da Motif Writing como processo de criação em dança. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 7, n. 13 e 14, p. 41-47, jan./dez. 2007. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/view/Issue/21/41>. Acesso em: 19 mai. 2020.

TRINDADE, Ana Lígia; VALLE, Flavia Pilla do. *A escrita da dança*: um histórico da notação do movimento. *Revista Movimento* (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 201-223, set. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3579/6092>. Acesso em: 20 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3579>.

VALLE, Flavia Pilla do. *Facetas*: um diálogo corporal da bailarina com a capoeira. *Caderno do GIPE-CIT*: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade, Salvador, n.19, p.103-114, abr. 2008. Disponível em: http://www.teatro.ufba.br/gipe/arquivos_pdf/cadernosgipe/Gipe-cit%2019.pdf. Acesso em: 18 mar. 2020.

_____. *Dançaterapia*: considerações sobre o Sistema Laban/Bartenieff. *Anais do I Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança*. Florianópolis: UFSC, 2019. (no prelo)

Recebido: 01/06/2020

Aceito: 03/09/2020

Aprovado para publicação: 17/11/2020

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.